

Revista Sarau Subúrbio

JULHO 2018 - ANO 01#04



Subúrbio é Liberdade!



EXPEDIENTE

Edição: Ano 01 - Nº 4 - Julho de 2018

Periodicidade da publicação: mensal

Idioma: Português (Brasil)

Editores: Marcelo Bizar e Marco Trindade

Conselho editorial: Marcelo Bizar, Marco Trindade, Sônia Elã, Kátia Botelho

Secretária-geral: Sônia Elã

Revisão: a revisão dos textos é feita pelo próprio autor, não sofrendo qualquer alteração pela revista.

Diagramação: Marcelo Bizar

Imagens: todas as imagens não creditadas foram retiradas da Internet, tendo optado o Conselho Editorial da revista por não identificar seus autores quando desconhecidos.

Contato: sarausuburbio@gmail.com, <https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>.

Distribuição: A distribuição da Revista Sarau Subúrbio é online através do sítio da revista: <https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>, e das plataformas digitais de publicação: ISSUU, Calaméo, Sapoblogs JOOMAG, FlipHTML5 e Recanto das Letras.

Os áudios e vídeos podem ser acessados diretamente das plataformas onde se encontram, tais como Facebook, Youtube e Soun Cloud.

Capa: Marcelo Bizar sobre uma fotografia do acervo de Marco Trindade. Na foto o próprio Marco Trindade esconde o rosto, acompanhado de seu irmão Luis Trindade. Local: rua Bernardino de Campos, Piedade, no início da década de 1990.

Notas importantes: A Revista Sarau Subúrbio é uma publicação totalmente gratuita, sem fins lucrativos. Não contamos com patrocínio de qualquer natureza.

Nosso objetivo, em linhas gerais, é servir de instrumento para que os artistas que não possuem espaço de divulgação nas mídias tradicionais possam apresentar seus trabalhos, nas mais variadas formas, seja na literatura, na música, no cinema, no teatro ou quaisquer outras vertentes artísticas, sempre de forma livre e independente.

Todos os direitos autorais estão reservados aos respectivos escritores que cederam seus textos apenas para divulgação através da Revista Sarau Subúrbio de forma gratuita, bem como a responsabilidade pelo conteúdo de cada texto é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



EDITORIAL

Calçadas repletas de vidas, aquele vaivém que não cessa, um alarido, um burburinho, gente, muita gente, papo, conversa fora, descontração. Quem teve o prazer de gozar dessa LIBERDADE, experimentou o que é a “alma encantadora dos subúrbios”.

São muitos corpos, muitos copos, são muitos bares, um samba dolente, um choro bonito, nosso “Blue Note” tem uma atmosfera enfumaçada de churrasquinho e cigarro, lenha queimando com aquele panelão de feijão saindo no capricho, desce aquela que faz a língua estalar, malandro!

São quase todos crianças: é golzinho marcado com chinelo, na rua de paralelepípedo, é correria atrás de doce de Cosme e Damião, é bolinha de gude na terra molhada com mijo de gato, é linha esticada no poste passando aquele cerol inconsequente, é pipa cortando o céu, é marimba no fio de alta tensão, é a vida pulsando sem medo...

Enquanto a propaganda que alimenta o consumo de massa, pegando carona na falta de segurança que assola o nosso país, vai empurrando as pessoas para os grandes “shoppings centers”, nós queremos é estar nas ruas, multiplicando o nosso afeto, brincando, sorrindo, criando, fazendo arte, pintando o sete, sendo felizes de verdade.



SUMÁRIO

- 02 - Expediente
- 03 - Editorial
- 04 - Sumário
- 05 - A mulher e o samba: um sonho possível?
- 07 - Maninha da Ponte de Sor
- 09 - O Bar dos Cavalheiros
- 11 - Pequena prosa de condenados
- 12 - Tambor
- 14 - Tirinhas
- 15 - O Viaduto é nosso Arcos... de Madureira
- 17 - Raça Brasileira
- 18 - Intraduzível
- 20 - Minha Macabéa
- 21 - "Rabugento na cabeça" - 2º Turno das eleições de 2000
- 23 - Foi um samba que passou em minha vida
- 24 - Temposição das Almas Ícubas
- 26- Trens e Subúrbio
- 28 - Um lugar no subúrbio
- 29 - 2068 (parte 2)
- 30 - Estante Suburbana
- 30 - Discoteca Suburbana
- 31 - Pequena História do Samba
- 34 - Festival Comida di Pé Sujo
- 38 - Na dança do tempo...
- 40 - Sub & Urbe
- 42 - Microconto: quanto menos palavras, mais significado
- 43 - Conto de vigário
- 44 - Cidade Alegria
- 45 - A biografia de "Osmar Corpu Fexadu"
- 46 - Blog do Tiziu
- 47 - Convite aos leitores para o primeiro sarau da revista
- 48 - Informação sobre os links da revista



A MULHER E O SAMBA: UM SONHO POSSÍVEL?

Uma menina negra Dandara, cresceu em um morro de Madureira, de um casamento inter-racial seu pai preto e sua mãe branca. Seu sonho era ser compositora e cantora e tinha verdadeira preferência pelas rodas de samba. Nasceu em 16 de março de 1985, na sua família não haviam compositores. Ela aprendia o samba através dos Cds e das rodas que ia com seus pais.

Começou a escrever com 15 anos e logo foi notada por seus familiares que gostavam da sua música, mas que diziam que não ia lhe dar o sustento e que através do conhecimento escolar é que conseguiria um bom emprego. Mas continuou sonhando.

Um dia os 18 anos conheceu um rapaz Frederico 22 anos em uma roda e ele era músico, trocaram muitas informações, porém sempre se mostrava hostil aos seus desejos no samba, mas por sua vez ela não desistia. Se formou em Psicologia, 4 anos depois e continuou a frequentar as rodas e começou a cantar.

Continuava o seu namoro e um belo dia resolveram casar. Sua vida se tornou bem mais difícil com as atividades laborativas e os cuidados com o lar.

Dois anos depois com 24 anos chega João Guilherme, parto natural, 3k e 500 gr e 43 cm, um lindo menino, saudável e cheio de vigor, mamava bastante e encheu a casa de alegria, então mas um samba nascia, por esta realização da maternidade, que lhe tornava uma mulher plena e feliz. A maternidade mexe muito com a emoção.

Em contrapartida seu mundo vinha desmoronando pois seu companheiro colocava toda as dificuldades para evoluir na sua arte.

Não podia encontrar seus parceiros e sequer beber uma cerveja com suas amigas, seu mundo estava solitário e infeliz e mais um samba surgia. Como pode a mulher conseguir realização se fica difícil estabelecer um vínculo social, para que as pessoas possam ver seu trabalho. Como era psicóloga e interagia com as pessoas diariamente resolveu anunciar e fazer um grupo de mulheres que quisessem discutir sobre o samba e o papel das mulheres na roda de samba. Papel este difícil pois é centrado no homem ficando para mulher ações coadjuvantes e é neste espaço masculino que as mulheres querem penetrar colocando sua voz para o crescimento de Samba assim pensa Dandara. Que é uma mulher que almeja o crescimento social e de inclusão. E nasce mais um samba e se forma um grupo de discussão mensal.

Sarau



Subúrbio

O casamento começava a se deteriorar pois Frederico não conseguia entender as necessidades de sua companheira, as questões de gênero sempre estão inseridas nestas relações. Qual o papel feminino? Qual o papel masculino? Será que existe este lugar ou se faz necessário respeitar as diferenças e apoiar o outro.

Os nomes são fictícios e sujeito a continuação.

Márcia Lopes



BELLE ÉPOQUE
DISCOS E LIVROS

I SARAU DA
REVISTA
SARAU SUBÚRBIO



No sarau teremos os lançamentos dos livros



VIDAS IRISÓRIAS
Jonathan Magella



ESTE NOSSO SENHOR, O TEMPO
Kaju Filho



MI LIBRO
Marcelo Bizar

Dia 18 de agosto, a partir das 15.00h na Livraria Belle Époque

Rua Soares, 50 - Méier - Rio de Janeiro - m.me/bellepoqueeiscoselivros - (21) 97625-7600



MANINHA DA PONTE DE SOR



Apresento-lhes mais uma personagem do subúrbio carioca. A família veio do interior de Portugal. A avó de Maninha dizia que teriam vindo "do coração mais ao meio de Portugal". Ninguém rebatia o que a dona dizia.

"Esta menina é fogo!" dizia a avó portuguesa quando via Maninha jogando bola e metendo a porrada nos meninos do bairro.

Nenhum era páreo pra ela nos cascudos e beliscões. "Essa aí é mulher-homem!", diziam as fofoqueiras da rua: Odete e Laurita. Não entrarei em mais detalhes sobre as moças, elas serão devidamente apresentadas numa próxima.

Poderia falar muitas coisas de Maninha, mas não agora. Meus leitores devem ter algumas expectativas em relação ao desenrolar da nossa narrativa, senão não tem graça, né mesmo?!

Bem, vou apresentar... hum... não sei bem se é uma apresentação! Mas, vai... então... deixo-lhes um poema feito pelo Antoninho (Luiz A. Persegas) para nossa Maria do Carmo de Sor...

MANINHA

Maninha é kamikaze,
cospe-fogo, chupa vidro, pula muro
lagartixa, perde o rabo, se entorta
nasce outro no lugar
não tá nem aí....

Maninha vai à feira
esconde o saco, sexta-feira, feriado
não conversa, se embriaga num boteco
pega vento, é avoadada, se revela
não quer nem saber...



A vida é sempre festa pra Maninha
E ela não dá corda prá ninguém
Sorriso de Encantado,
corpo em abstrato
Maninha nunca quis paixão
nunca nem amor...

Nome de flor, Maninha
Cheiro de felina
Ganha o mundo, Maninha
Vai sem seu pudor
É nossa Agripina, Maninha
Nossa Ponte de Sor

Antero Catan



O BAR DOS CAVALHEIROS



Duque de Caixas, município daqui do Estado do Rio de Janeiro, tem um bairro (ou sub-bairro, lougradouro, sei lá) chamado Bar dos CAVALEIROS. Acontece, no entanto, que algumas pessoas, lendo mal ou não lendo corretamente, ou ainda simplesmente não se dando a ler o letreiro dos ônibus que levam à localidade, acabam por chamá-la Bar dos CA-VA-LHEI-ROS. Eu e um colega de trabalho soltamos uma vez a imaginação e ficamos a brincar com o equívoco. Se a cidade do Rio é violenta, Caxias também está longe de ser um poço de virtudes, e, embora não conheçamos o tal lugar, sabemos que fica na periferia da cidade, longe do centro, uma região com alguns requisitos típicos do chamado oeste bravio dos filmes americanos.

Bem, em nossas divagações, o local se transforma num bar frequentado por homens extremamente violentos, mas de exemplar e espantosa educação, ou então não seriam CAVALHEIROS. Imagine: um sujeito, encarregado de matar o outro, entra no recinto, dá boa-noite a todos e olha firme pra um desconhecido:

- Sr. Orlando Maldade?

O homem se levanta:

- Boa noite, cavalheiro! Sou eu mesmo, sim, senhor! Boa noite!

- Boa noite, meu amigo. - responde o outro -Muito prazer, meu senhor. Eu sou Antônio Terrível, seu escravo. Como vai? Tudo bem?

- O prazer é todo meu. Tudo bem, amigo. E o senhor? Como vai?

- Também vou bem, obrigado. - faz uma breve pausa, volta: - Com sua licença, deixe-me ir direto ao assunto, já que meu tempo é pouco. A questão é que recebi uma importância relevante para matá-lo e estou aqui em cumprimento do meu ofício.

- O outro, amedrontado, mas compreensivo e sem perder a linha:

- Ah, sim! Entendo perfeitamente. Se é assim que há de ser, que nos ocupemos logo do que é mais importante.

O matador aponta a arma:

- Com licença, cavalheiros, e com o seu perdão, sr. Orlando!

- Pois não, não há do quê.

E consuma-se a execução.



Logo depois o malfeitor sai cumprimentando os presentes e se desculpando pelo incidente.

Noutra ocasião, entre músicas e casais dançando, um belisca as nádegas da mulher do outro.

- Uiiii, cavalheiro! Boa noite, mas uiiii! - a moça reclama.

O marido se coloca entre aquela e o engraçadinho:

- Nobre rapaz, boa noite, mas o que é isso??

- Ah(!), prezado amigo, boa noite, me perdoe, mas a sua mulher é realmente muito sensual e não pude resistir.

- O senhor entende, então, que é uma questão de honra, e eu não posso deixar de tomar uma atitude drástica.

- Claro, gentil senhor: reagirei à altura, mas pode proceder por favor da maneira como melhor lhe aprouver.

- Então, com sua licença, se me permite! - e os dois sacam suas armas, e o o menos ligeiro tomba sem vida.

Dizem que uma vez o bar ficou aberto direto durante quarenta e oito horas, e os contendores acabaram caindo de cansaço, sem que ninguém matasse ninguém.

Eram dois inimigos viscerais portugueses, ali duelando por conta de um ter eliminado o filho do outro.

- Sr. Manuel, bamos resolvere d'uma vez p'r todas esta desabença. P'r favore, bamos lá: o senhore quiere sacare pr'meiro?

- Não! De jaito nenhum! O senhor pr'meiro!

- Não, me r'cuso: o senhor pr'meiro...

- Não, o senhor...

- O senhor...

Barão da Mata



PEQUENO PAPO DE CONDENADOS!

-José, onde está Tião?

-Não sei irmão, fala você!

José, onde foi Mané de Aquino?

-Não sei irmão, fala você!

Aquela rapaziada da antiga que jogava bola, ia pro pagode, ia pro bailão.

Partiu, cada um foi viver a sua vida??

-Mas, pintou uma saudade tempo bom aquele...

-José, onde está a Catarina?

-Não sei irmão, fala você!

-José, onde foi a Margarida?

-Não sei irmão, fala você!

-Tu lembra, da filha da Dona Cristina? Uma menina linda que você namorou?

-Eu lembro, a prima da Rita lá da esquina, aquela moreninha que você ficou!

-José, onde está a felicidade?

-Não sei irmão, fala você!

-José, onde foi a alegria?

Não sei, Não sei, fala você!

-Naquela tarde sinistra, lá na feira.

Não consigo entender, como tudo começou e porque o bicho pegou.

-Eu lembro, a gente bebendo na birosca. De repente um estouro e a polícia chegou.

-José, onde está a Justiça?

-Não sei irmão, fala você!

-José onde foi a esperança?

-Não sei, Não sei, fala você!

No meio de toda confusão, ouviu-se um disparo.

Havia um corpo no chão!

E era de um menino, que tinha apenas 15 anos!

-Acusaram a gente!

-E lá se vão 30 anos!!!

-José, onde está o direito, a igualdade, a liberdade?

-Não sei, Não sei, fala você!

-José, e o dedo que apertou o gatilho!!!

-Não sei irmão mas, alguém lá de cima deve saber!!!

-Quem sabe né!!!!

Júnior da Prata



TAMBOR

Ooô, ooô, bate tambor
Ooô, ooô, bate tambor

É o som da liberdade
Que um dia a História confirmou
Só veio com muita luta
Mistura de suor e dor

Não foi promessa de senhor
E nem justiça de doutor
Foi a raiz da mãe África
Que nos quilombos brotou

Ooô, ooô, bate tambor
Ooô, ooô, bate tambor

A lei acabou com a corrente
Mas, quase nada adiantou
Pois, muitos da nossa gente
Ainda sofrem pela cor

Os segredos de outrora
Meu avô me ensinou
São lembranças de Angola
Que o povo preservou

Em cada terreiro de samba
Em cada gesto de amor
Em cada ginga de bamba
Ainda se ouve um tambor

Ooô, ooô, bate tambor
Ooô, ooô, bate tambor
Ooô, ooô, bate tambor
Ooô, ooô, bate tambor



O tambor remonta a essência da ancestralidade do povo negro. É som, é ritmo, é alegria e, por vezes, lamento e, acima de tudo, é resistência. A todos que mantêm viva essa herança com a força das mãos seja no jongo, nas rodas de samba, nos terreiros e em todos os espaços de cultura africana e afro brasileira, o meu respeito e admiração.

Ps. Tambor é uma composição com música de Marcelo Bizar e letra de Silvio Silva.

Silvio Silva

Acesse o link abaixo e escute a música TAMBOR (Marcelo Bizar e Silvio Silva)



link: <https://www.youtube.com/watch?v=QfMBqknEniE>



Tirinhas



Pazuzu Silva



Marcelo Bizar



O VIADUTO É NOSSOS ARCOS... DE MADUREIRA

Sim, vamos falar do Viaduto Prefeito Negrão de Lima, ou melhor e simplesmente como gostamos de dizer “O Viaduto...”. Não sou o melhor cara para dimensionar as distâncias físicas desta Cidade, como bom Suburbano morro de paixão pelo Rio de Janeiro, é claro com o amor cravado num pedaço de terra que nomearam Madureira, como já disse nosso mestre Arlindo “é doce dizer...” e assim, acabo por cruzar Zona Norte, Oeste, Centro e até a Zona Sul as vezes, no mesmo dia...

Mas de onde eu venha, com outra figura ilustre que muita é razão deste texto, nosso mestre Ivan Milanez ensinou um costume transcendental, tomar a saideira e bebericar um bom caldo embaixo do Viaduto, e ali já saíram algumas letras, poesias e muito bate-papo até o Sol raiar, mesmo nas segundas-feiras após uma jornada de Samba do Trabalhador e Pedra do Sal.

O Viaduto é o nosso Arcos da Lapa! Quando digo isto, não é em momento algum pela necessidade de comparar ou intuito de Madureira ter algo que se assemelhe com o Centro para se valorizar, mas muito pelo contrário é pelas peculiaridades e semelhanças que desde a ausência de políticas públicas, crise de violência e a resposta que a população deu a estes problemas sociais fez com que hoje estes dois locais sejam repletos de ocupações culturais e populares, que alguns ousam denominar “desordem pública”.

É neste momento que se faz necessário questionar, por exemplo, se a ordem pública que preferiam era o Viaduto abandonado dos anos 1990 com alto índice de assaltos há época, lembro-me e todos que viviam no subúrbio vão se recordar que com a lamentável Chacina da Candelária que no último dia 23 de julho completa 25 anos, os meninos e meninas em situação de rua e desamparo social fugiram todos do Centro da Cidade e vieram se abrigar em Madureira, justamente, no Viaduto.



Há época o viaduto tinham um chafariz, inclusive, até mais de um, ali perto do Tem Tudo, em frente ao ponto do 910 MadureiraXBananal, e muitos menores fugidos da Candelária ficavam por ali, até que começaram as intervenções arquitetônicas da Prefeitura, até ao extremo de cercarem parte do viaduto com grades, nada dava jeito aos roubos que eram reprimidos com a típica violência, sem nenhuma política pública de salvaguardar os menores em situação de rua.

E a história foi se moldando diferente, começando com a firmeza do Baile Charme, o primeiro a ocupar o viaduto com arte e cultura, depois veio a CUFA com esporte, educação e arte com a molecada que inclusive, estava ali em situação de rua, e com isso começaram a chegar os camelôs a noite ali perto da Estação do Trem, que foram se expandindo, as primeiras barracas embaixo do Viaduto que passaram a ser a última parada depois do Baile Charme, o famoso “Podrão”... Que virou também o “Podrão” após Império, após Portela, após Papa G, e após, após...

Que virou o Viaduto!

Hoje o Viaduto do Samba na Calçada, do Jongo na Quinta-feira, do Charme, do Videokê na Terça-feira, o Viaduto do latão, o Viaduto do Caldo de Siri, Ervilha, Feijão Amigo e etc...

E aquela estrutura que era só para ligar um lado ao outro de Madureira no pensamento dos engenheiros, na Engenharia Suburbana passou a ligar culturalmente toda a Cidade, ou melhor, Região Metropolitana. Como já ouvi tantas vezes alguém gritando “tchau” correndo e apontando pro ônibus que vai pra São Gonçalo e faz ponto ali perto, tal como, os trens de todos os Ramais da SuperVia, exceto Saracuruna que passam em Madureira.

E entre todas estas linhas, está o Viaduto fervendo Cultura e resistência em ocupar rua no Subúrbio e todas suas figuras, por último, queria falar do Projeto Criolice, com sua Roda de Samba todos os domingos agora no Viaduto que está dando show em Samba de Raiz, e Ocupação Cultural deste espaço tão importante, e mandando seu recado, abrindo debates sobre a Cultura e a representação negra, inclusive, nos espaços de Poder.

Viva e vida-longa ao Viaduto Cultural! Vida longa aos nossos Arcos da Lapa Suburbano!

Danilo Firmino



RAÇA BRASILEIRA



Somos um povo rico de esperanças
De sonhos, de lutas e desejos
Que vence no peito e na raça
Guiado pela luz de um santo guerreiro

Carrega a força da fé de um vencedor
Muitas vezes traído pela indiferença
Na face as marcas de suor e de dor
Na busca da liberdade e do amor

Filhos do sal da Terra bendita
Raça de coragem é a brasileira
Que constrói a cada dia um mundo de valor
Fincado na raiz da mãe natureza

Que é rica e generosa com todos sem distinção
Pois somos todos filhos, frutos do mesmo chão
Oh povo! Desata as amarras da impunidade
Levanta a bandeira da paz e da Igualdade.

Elaine Morgado



INTRADUZÍVEL

Até hoje quando revejo a cerimônia de posse do genial Poeta Ferreira Gullar na Academia Brasileira de Letras, sinto um mal-estar terrível. Nesta madrugada não foi diferente.

Explico-me...

Além de admirador da obra do Poeta, sempre simpatizei com sua persona, com sua inteligência, perdi a conta das vezes em que ouvi suas palestras falando sobre arte, sobre pintura, sobre a vida, com ele aprendi que "A arte existe, porque a vida não basta".

Lembro-me – não, não, me lembro, vou parar com esse negócio de ênclise e usar a língua pronominal Oswaldiana do meu povo – do impacto que me causou o "POEMA SUJO" a primeira vez em que o ouvi sendo recitado, em meio a todo o contexto em que foi concebido.

Me lembro também quando li "SUBVERSIVA", aquilo me deu uma força danada.

E tantos outros poemas, e "TRADUZIR-SE" com Fagner, que coisa linda, que música, que Poeta!

Mas aí, exatamente no dia 5/12/2014, Gullar toma posse na ABL, e incrivelmente vem a óbito em 04/12/2016, por pouco cravando dois anos de efetivo exercício na "casa" de Machado de Assis.

No instante da posse, uma parte de mim é tristeza e a outra parte também, não porque eu seja um romântico idealista – até sou –, ou um sujeito pueril incapaz de prever que a vaidade humana pode desmontar os mais renitentes e ácidos críticos de determinada estrutura, mas por ainda ter que assistir a uma cerimônia vetusta, retrógrada, démodé, decorada com teias de aranha e quilos de poeira anacrônica, um retrato do Brasil que teima em não querer se renovar, se transformar.

Naquela indigesta solenidade, eu vi um poeta já moribundo, discursando e arfando, "pari passu", tendo que se irmanar, por exemplo, com um laçao da rede globo, que até onde se sabe é tão importante para a literatura brasileira quanto Pelé, o maior gênio do futebol mundial de todos os tempos, foi para a nossa música.



O mais doloroso, porém, foi ver o nosso vate, cujo nome de batismo é José Ribamar Ferreira, nascido no Maranhão, ter que saudar o decano da Academia Brasileira de Letras, também batizado como José Ribamar Ferreira, e da mesma forma Maranhense, aliás, dono do Maranhão, ex-governador que dispensa comentários, cuja proeza que o notabilizou no mundo das letras foi a publicação do livro de poemas "Marimbondos de Fogo".

Aquela cerimônia soou para mim como uma espécie de réquiem para o Poeta Ferreira Gullar..

Na verdade, aquela liturgia toda em si, tem se configurado simbolicamente ao longo das décadas, como a morte do próprio Brasil-utopia que tenta emergir.

Para romper com esse estado de coisas, para suplantar minha tristeza, para vergastar a castidade impura da casta, para botar sal no chá da realeza, somente a eleição de uma mulher negra, a primeira da História, para ocupar a cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é o poeta Castro Alves.

Vou dormir com uma parte de mim já se transformando em Conceição Evaristo...

Marco Trindade



Minha Macabéa

Ela não tinha espelho em casa. Aliás não tinha casa. Tinha um quartinho.

Berenice era o nome da nossa personagem. Saía de casa pontualmente as seis da manhã, todos os dias.

Trabalhava no Méier, num mercadinho. Morava num quarto no Morro dos Macacos. Tinha uma cama, doada por uma colega, uma cômoda com várias gavetas emperradas, mas pra pouca roupa que tinha, dava. Um banheiro meio que dividido com a cozinha minúscula. Se tivesse tomando banho dava pra cozinhar junto, sem deixar queimar a comida.

Berenice trabalhava como faxineira e empacotadeira nesse mercadinho há alguns anos, chegava as 7 e saía as oito.

A maior alegria de Berenice era o celular, o mundo dela estava ali. A colega do Mercadinho, criou um perfil para ela com uma foto de outra mulher, linda, de cabelos negros e compridos, sorriso cativante. Era assim que se via no espelho.

Acordava cedo e maquinalmente olhava o face. Dava bom dia a todos os amigos que a adoravam, e ia trabalhar feliz.

Chegava despercebida. Trocava de roupa, pegava a vassoura e o esfregão, limpava os banheiros e depois varria entre as gôndolas, Quando as caixas abriam, ia pra assistência, empacotar as compras dos fregueses. No final do dia, de novo limpa os banheiros, varria entre as gôndolas, trocava de roupa e pegava a condução pra casa.

Sentada no ônibus ia vendo as carinhas bonitas que curtiram seu Bom dia. Ao chegar em casa, tomava banho, botava uma camisola comprada no camelô da Barão de Drumond e ia dormir feliz. Afinal teve quase 30 curtidas no seu Bom dia.

Amanhã será mais um dia, igual a todos os outros dias, mas seu sorriso cativante e os cabelos negros compridos lhe deixavam certa que valerá a pena viver mais um dia.

Dorina



"RABUGENTO NA CABEÇA" – 2º TURNO DAS ELEIÇÕES DE 2000



Acabado o circo da Copa do Mundo, em breve, entraremos em outro circo: o das eleições previstas a cada dois anos. Já houve processos eleitorais em que o povão, descontente com a "democracia dos ricos", despejou o seu voto de protesto. Em um deles, em 1959, a rinocerante Cacareco obteve cerca de 100 mil votos na cidade de São Paulo. Em outro, em 1988, o macaco Tião conseguiu 400 mil votos, ficando como o terceiro candidato mais bem colocado para a prefeitura do Rio de Janeiro.

Bem menos famoso do que seus colegas do reino animal, o cachorro Rabugento foi lançado como terceiro candidato no segundo turno para prefeito do Rio de Janeiro de 2000, onde se enfrentavam o "criador" (César Maia, o ex-prefeito, nº 14) e a "criatura" (Luís Paulo Conde, o então prefeito, nº 25). Duas candidaturas de direita, ligadas ao empresariado fluminense. Sérgio Cabral, outrora desafeto dos dois, agora declarava, sorridente, o apoio à candidatura de Luís Paulo Conde, "pelo bem do Rio de Janeiro".

Era preciso marcar posição contra estas duas candidaturas patronais. O pessoal que agitava o movimento cultural no boteco "Papo de Esquina", na Vila da Penha, decidiu intervir no dia da eleição, fazendo uma boca de urna, que começava assim: "CONDE É IGUAL A CÉSAR, CÉSAR É IGUAL A CONDE, TUDO FARINHA DO MESMO SACO! VOTO NULO É A SOLUÇÃO!". Ao final o material conclamava:

"COMO ANULAR O SEU VOTO?"

Se você é do Partido dos Trabalhadores (PT), vote 13!

Se você é do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), vote 16!

Se você é do Partido Comunista Brasileiro (PCB), vote 21!

Se você é do Partido da Causa Operária (PCO), vote 29!

Se você é do Partido Comunista do Brasil (PC do B), vote 65!

Mas se você não é de nenhum desses partidos ou não tem partido, escolha qualquer número (menos 14 ou 25) ou vote nesse simpático vira-lata da foto, o Rabugento (a dezena do cachorro é de 17 a 20). Vamos manifestar o nosso repúdio a tudo isso que está aí. Nulo nelles!".



Eram tempos passados, antes do PT e do PC do B terem chegado ao poder no governo federal, dois anos depois. Não existia ainda PSOL e o objetivo do prospecto era apontar não somente um voto de protesto, mas também a unidade da esquerda daquele período, por mais siglas partidárias que ela tivesse. Coube ao "cãodidato" Rabugento chamar o jogo para si, já que nenhum partido de esquerda daquela conjuntura tomou a iniciativa.

Ilustrando o panfleto, a foto do Rabugento, com a orelha esquerda baixa, pisando na gravata, no festa do "seu aniversário", três meses antes. No dia da votação, Alex e Antônio Carlos Schitinho foram panfletar no Colégio Virgem de Fátima, na Estrada Vicente de Carvalho. Transeuntes paravam para levar bolos de panfletos para o seu local de votação, assim como motoristas estacionavam o carro, tumultuando o trânsito. Até para a Zona Oeste, o prospecto foi levado.

Várias declarações de votos foram feitas e se houvesse pesquisa de boca de urna no Virgem de Fátima, naquele momento, dava Rabugento na "cabeça", disparado. Irritados, os "boqueiros" profissionais de César e Conde se uniram contra a boca de urna do Rabugento e chamaram a PM. Um policial militar chegou a solicitar que Alex e Antônio parassem de panfletar, mesmo sendo obedecida a distância mínima permitida para a atividade. Em vão: como dizia o samba de Luiz Carlos da Vila, o Rabugento era cachorro valente e que nem no perigo, pedia socorro. O recado tinha sido dado.

Alex Brasil



- **FOI UM SAMBA QUE PASSOU EM MIINHA VIIDA**

Na vida de todos nós que amamos o SAMBA existe aquele em especial que nos marcou. Este é o espaço para os depoimentos apaixonados, compartilhe com os leitores aquele Samba inesquecível.

Depoimento de **Júnior da Prata**:



link: <https://soundcloud.com/sarau-suburbio/depoimento-junior-da-prata>



TEMPOSIÇÃO DAS ALMAS ÍNCUBAS - 2º PRETEXTO



2º PRETEXTO: ¿Quién del que es de sí? ¿Quién de sí que es del que?

INTRODUZ PICTOPOEMA VÍDEO SOM:



link: <https://youtu.be/qH1N1bfHvhA>

Quadrangular Haikai



ELAS sabem a língua-única que traz felicidade
 ELAS estão se atomizando e assim
 temporarizarão e ninguém mais saberá
 falar-cantar-contar na língua únicofeliza
 páginas dos fôlegos coloridas
 predestinos nuvenciavam-se...

Hombre Tonto vê as fogogidias Almas Íncubas
 seu sorriso-lágrima fita-o no próprio espelho-fôlego
 Ele tem que impedir a temporização dELAS... Parte em sua missão

AL(R)MAS

Quadrangular haikai-me
 Descascando minh'alma
 Parangolés sob o sono
 Imantado de outonos



Carrega-se com suas al(r)mas. Sabe que não será fácil encontrar seu destino. Salvar, salvar-se, aprender a língua-felicita! na Central do Brasil ele sabe que há o banheiro mundo próprio para levá-lo ao Mundãozãopírito. Saberá ainda qual dos azulejos guarda sob suas colorizações simbólicas a chave que abre as portas do Mund...? Quando criança sabia abrir facilmente tais portas... às vezes nem as abria, pulava de um salto só... salto mental e pronto já caía no Mundãoz... crianças são hábeis em enganar portas espirituais-sonhos! mesmo assim, perdendo-se-aqui-ali, partiu de sua linda terra e foi para o portal Central do Brasil. Foi de trem. Seria demorado, mas no caminho ele iria treinando sua sensibilidade entoando todas as orações, pontos, rezas, mantras, sutras, ladainhas e palavras-abracadáblicas que conhecia.

“Treino intenso e treinarei”, disse em voz alta pensou!

Pazuzu Silva



TRENS E SUBÚRBIO

Nos dias de hoje, as zonas norte e oeste constituem as áreas mais vastas e populosas da cidade do Rio de Janeiro. Porém, até meados do século XIX, a cidade tinha grande parte de sua população concentrada na área central, sendo que a falta de transportes coletivos e a difícil geografia local, apresentando muitos terrenos pantanosos, dificultavam a mobilidade dos habitantes da cidade. Nesta época, as freguesias suburbanas eram áreas predominantemente rurais, cuja principal função era abastecer o centro da cidade com os gêneros alimentícios produzidos ali. Sua população, que vivia nas antigas fazendas e sítios de senhores de escravos, era ainda bastante reduzida.

No entanto, ainda no século XIX, o subúrbio começará a experimentar uma grande expansão demográfica e também espacial, assim como transformações em suas atividades econômicas. Os transportes de massa, sobretudo o trem, terão papel fundamental nesse contexto. Em 1858 é inaugurado o trecho inicial da Estrada de Ferro D. Pedro II, que ia da estação do Campo (depois estação Central) até Queimados. A partir desta data, várias estações foram sendo inauguradas no subúrbio ao longo da ferrovia. Já em 1861, inicia-se uma acelerada ocupação das freguesias suburbanas atravessadas pela estrada de ferro, observando-se que nesse mesmo ano é implantado o serviço regular de trens até Cascadura.

Mas é em 1870, quando mais dois carros são acrescentados à ferrovia tendo horários de trens adequados aos de entrada e saída dos empregos no centro da cidade, que começará a primeira fase de expansão acelerada da malha urbana. O processo de ocupação do subúrbio primeiramente foi linear, ou seja, as habitações eram construídas ao longo da estrada de ferro e com maior concentração em torno das estações. Posteriormente, ruas secundárias perpendiculares à via férrea foram sendo abertas pelos antigos proprietários de terra que retalhavam suas propriedades, e por pequenas companhias loteadoras, indicando assim uma valorização do trecho onde se instalou a estrada de ferro. O processo de urbanização do subúrbio desenvolvia-se de acordo com as condições de transporte para o centro da cidade que cada área apresentava.



Desta maneira, as estações de Cascadura, Engenho de Dentro, Piedade, Quintino e Encantado, eram as que contavam com maior número de passageiros, demonstrando nessa área a maior concentração populacional e urbana do subúrbio da Central do Brasil até metade da década de 1890. Esse dado demonstra mais uma vez, a relação direta entre a criação dessas estações e a concentração populacional que ia ocorrendo em torno das mesmas, e também o convívio da população suburbana com o centro da cidade, para onde se dirigia a maioria dos passageiros destas estações diariamente.

No ano de 1873 foi criada a freguesia de Engenho Novo, formada com partes das freguesias de Inhaúma, Engenho Velho e São Cristóvão, e que foi a primeira área da freguesia da Inhaúma a abandonar as suas antigas características rurais e a ser ocupada para fins residenciais. O desenvolvimento do capitalismo na área central do Rio de Janeiro alterou fortemente as relações desta região com as freguesias suburbanas, exigindo destas novas funções econômicas e sociais que atendessem às novas necessidades desta conjuntura de crescimento.

Sendo assim, um fator que está diretamente ligado ao crescimento dos subúrbios cariocas são as reformas urbanas realizadas no centro da cidade. A remodelação do centro começa no início da última década do século XIX com o prefeito Barata Ribeiro. Mas será Pereira Passos que, com o aval do governo do então presidente da República Rodrigues Alves, promoverá na cidade um verdadeiro “bota abaixo” na área central do Rio de Janeiro. A população pobre que de lá foi expulsa, encontrou moradia nos morros próximos ao centro, mas também muitos destes moradores deslocaram-se para as áreas suburbanas. Lá eles encontraram condições de vida e de moradia melhores e mais salubres, além de contarem com trens e bondes que os levavam até os seus trabalhos no centro da cidade. Assim, o trem passou a fazer parte do cotidiano da população suburbana por ser rápido e comportar um grande número de passageiros, sendo o meio de transporte que mais participou da ocupação espacial dos subúrbios cariocas.

Não é à toa que se diz que andar de trem é uma característica típica do carioca suburbano, pois o trem está na nossa história, no nosso imaginário, no nosso dia a dia e até mesmo no nosso coração.

Ana Cristina

Fontes de consulta:

ABREU, Maurício de. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplanrio: J. Zahar, 1987.

A Gazeta Suburbana, 02/02/1884.

SANTOS, Joaquim J. Moura dos. *Contribuição ao Estudo da História do Subúrbio do Rio de Janeiro - A Freguesia de Inhaúma de 1743 à 1920*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987(Dissertação de Mestrado).



• UM LUGAR NO SUBÚRBIO

Há o ensinamento popular de que quando realmente queremos algo reinventamos qualquer situação para fazermos acontecer. Que o diga o livreiro Ivan Costa. Ele vendia seus livros pela cidade com sua livraria-bicicleta. Um sebo-bicicleta, na verdade um sonho sobre três rodas de um bicicleta... eu preferiria dizer.



Uma atitude tão importante numa cidade que apesar de cosmopolita tem pouquíssimas livrarias deveria ser aplaudida por todos, mas, por incrível que pareça, não foi tão fácil assim não, como ele mesmo explica: “Tem um pessoal que prefere o livro novo. E o livro que está na bicicleta e é usado acaba sendo sinônimo de sujo, de livro mal tratado”, pois é Ivan, realmente muitos precisam amar os livros.

Ivan, não sei se poderia dizer que você ainda é um Livreiro Errante!? Quem sabe um Livreiro Errante com Livraria, pois eis que hoje em dia, nosso livreiro-ciclista esta à frente de uma livraria no Méier, subúrbio carioca. E o lugar, bastante aprazível, onde acontece sempre os famosos saraus é, além de uma livraria, um ponto cultural extremamente importante para o subúrbio do Rio de Janeiro: pouquíssimas livrarias ainda se encontram por nossa localidade. Ivan, com sua experiência e sabedoria, fala um pouquinho mais pra gente, vai:

“A diversidade das pessoas nas ruas é muita. É preciso bastante para chamar atenção com livros na bicicleta, mas eu prefiro vender pessoalmente e ter contato. Para mim, livraria é um clima, um ambiente e não venda”.





2068 (parte 2)



Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual Bambas do Samba, foi nela que comecei comandando 300 ritmistas e nela pude realizar um Velho Sonho: Impregnar de tamborims a orquestra batuqueira, reconheço que de forma exagerada, com 100 tamboras; mais o efeito era fascinante, os Desenhos e Bossas aplicados faziam a Sapucaí Virtual Ferver na Emoção dos tamborims.

Sim, Emoção! Lembro do Carnaval em 2030 na Sapucaí o desfile Real perdia Força em função da Notória falta de componentes para Desfile no Grupo Super Especial e na série Especial, a renovação de sambistas não acontecia na velocidade necessária para suprir as Alas, os Carros alegóricos, Baianas, passistas, o desinteresse era Geral e a Festa de outros anos minguava aceleradamente causando uma enorme tristeza naqueles apaixonados por esse tipo de Carnaval. As pessoas estavam interessadas em desfile nas escolas holográficas, gente do Mundo inteiro aportava virtualmente por aqui sem tirar o pé de casa. No desfile presencial algumas Escolas pagavam altos cachês para os sambistas que por sua vez desfilavam em pelo menos três Escolas por Noite de Desfile, em 2030 o Carnaval da Sapucaí começava no Sábado e acabava no outro sábado, eram sete dias de Desfiles. Várias Escolas de Samba viraram Casas de Show e outras Casas de Festa, certas Famílias não seguiram a tradição preferindo viver do business imediatista sem compromissos com a Majestade: o Samba.

Hoje Viver também é uma questão de Escolha, de vontade, de querer, de desejo, nem todos conseguem se adaptar a longevidade reinante; e no Holomundo, Morrer é um Direito inequívoco de cada Cidadão, nem todos querem viver até os 140 anos, as nano cápsulas de "forever" fazem efeito eficaz em 34% dos Homens e em 60% das Mulheres, pode-se trocar a pele em clínicas de estética, mudar a Cor dos Olhos, trocar de cabelo; mas mudar o Cérebro, a filosofia de vida, o pensar e agir, isso ainda não é possível, por isso existem as "Stages" clínicas dedicadas exclusivamente para aqueles que desejam fazer a passagem dessa vida para outra vida de forma tranquila sem Dramas ou lamentações, naturalmente sem dor, numa simples questão de escolha, pois é, mesmo os que optam em diariamente ingerir o "forever" tem dúvidas sobre até onde vale a pena continuar; e quando se para o tratamento por uma semana ou seja a aplicação do "para sempre" (PS) as Células do nosso organismo começam uma ação falimentar sem volta; em menos de seis horas tudo para lenta e gradualmente levando o corpo finalmente a morte.

Rodolfo Caruso



- Estante Suburbana



- Vidas Irisórias (Jonatan Magella)
- Esse Nosso Senhor, O Tempo (Kaju Filho)
- Mi Libro (Marcelo Bizar)

- Discoteca Suburbana



- Meus Batuques (Altair Barbosa)
- Gegê de Itaboraí & Amigos 2 (Gegê de Itaboraí e artistas convidados)
- Salve Moçada! (Rodolfo Caruso)
- Samba na Fonte 10 anos (Movimento de Compositores Samba na Fonte)



PEQUENA HISTÓRIA DO SAMBA

Escolas de samba e seus desfiles, o morro há muito tempo perdeu as rédeas, principalmente com o surgimento do Sambódromo no Rio de Janeiro e que incentivou outras praças a ter o seu.

Quando da criação do samba, eram os afro descendentes oriundos da Bahia a partir de 1870 que se instalaram no Centro do Rio de Janeiro na região mais tarde denominada de “Pequena África”.

Os primeiros baianos que aqui chegaram, já eram livres e serviam de referências para que outros viessem ao longo dos anos.

Nos primeiros anos do século vinte onde a República ainda engatinhava, era muito comum que os negros desta região se confraternizassem e a forma mais comum desta expressão era os encontros musicais com direito a danças de origem africanas.

Nas casas das mães de santo onde eram praticadas as atividades religiosas do Candomblé, tolerado pela polícia, nos fundos de seus quintais a batucada comia solta e o samba trago pelos baianos predominava.

Era um samba meio maxixe onde o violão e o cavaquinho não podiam faltar. O batuque que acompanhava era diferente.

As principais mães baianas que cediam seus espaços para esses encontros eram Tia Ciata, Tia Amélia e Tia Sidarta.

O destaque ficou com Tia Ciata que em sua casa reunia músicos do quilate de Pixinguinha, João da Baiana, Donga, Sinhô e outros.

Foi na casa dela que o samba ganhou fama, rezadeira e também quituteira, assim como as outras mães baianas, com seu tabuleiro vendia suas comidas usando indumentária totalmente branca..

O Samba “Pelo Telefone” o primeiro a ser gravado em 1916 tendo como autores Donga e Mauro de Almeida era o mais cantado lá na Casa da Tia Ciata cuja liderança e importância era muito grande.

Lá se cantava sambas de Sinhô, de Pixinguinha, de João da Baiana e de outros frequentadores.



Ismael Silva morador do Morro do Estácio, bairro próximo a Praça Onze onde Tia Ciata morava e que vez por outra quando frequentava lá, sentia que faltava alguma coisa naquele samba e então sugeriu pra seus amigos que queria um samba para marchar e mexer com os braços. Seu companheiro Bide então inventou o surdo.

Nascia assim o samba cadenciado através da marcação do surdo.. O samba proposto por Ismael Silva se solidificou e ele e sua turma começou a levá-lo para Mangueira, Favela, Oswaldo Cruz e outras regiões onde os afro descendentes viviam em comunidades..

E assim aprendiam os sambas do pessoal do Estácio, a forma de tocar os instrumentos e de dançar o samba.

A casa de seu Napoleão, pai de Natal da Portela em Oswaldo Cruz, assim como no Buraco Quente na Mangueira eram redutos onde o pessoal do Estácio estava sempre levando o samba.

Já pelos meados dos anos de 1920, havia muitos blocos nessas regiões contempladas com os ensinamentos do samba cadenciado.

A Turma do Estácio liderada por Ismael Silva fundou um bloco e denominou Escola de Samba Deixa Falar, dizia ele que por ensinar o samba em diversas áreas do Rio de Janeiro, então eles eram professores de samba e sendo assim o bloco deles era uma Escola de Samba.

A própria Estação Primeira de Mangueira fundada em 1928 como bloco, mais tarde denominou-se também escola de samba, assim como a Portela e as que vieram depois dessas duas.

Essas escolas de samba eram administradas pelos seus sambistas de origem, mas com o passar dos anos e a evolução do samba e das escolas de samba, cujo primeiro desfile foi em 1932, outras pessoas foram sendo inseridas e a partir da fundação do Sambódromo do Rio de Janeiro cuja fundação se deu em 1984 e com a criação da Liesa em 1985, os desfiles tomaram outro vulto virando espetáculo internacional, tornando-se caro e para turistas principalmente, pois o povão não tem poder aquisitivo para a compra do ingresso..

E com o nível dos desfiles de hoje os detentores originais e seus descendentes, perderam espaços na própria escola de samba que criaram e a presidência e os principais cargos de direção estão longe deles que ao abrirem suas portas para pessoas estranhas ao meio, foram perdendo espaços.



Este processo praticamente começou quando os banqueiros do jogo do bicho, viraram patrono da maioria das escolas de samba.

Com o crescimento delas e a necessidade de custear seus carnavais cada vez mais caros, outras fontes de recursos começaram a aparecer e com elas pessoas estranhas se envolvendo na administração.

O perfil dos presidentes das grandes escolas de samba mudou e quase já não se vê um negro comandando aquilo que criou.

Conclusão o samba enredo agora não é mais composto pelos compositores da escola e sim por qualquer um compositor estranho a esta escola mais que entra pra concorrer e para ganhar, gastando fortunas para que seu samba saia vencedor.

O pobre do compositor do morro não dinheiro para este investimento que é a disputa do samba enredo.

O carnavalesco contratado faz o que quer, manda e desmanda, descaracteriza e pronto.

Hoje a harmonia é desvalorizada através da figura criada de diretor de carnaval que comanda tudo.

Não há mais Xangô da Mangueira, nem Mestre Fuleiro do Império, nem Jaburu da Portela, não há substitutos.

Não há mais ensaios técnicos no Rio de Janeiro e Viva São Paulo cujo carnaval está dando um exemplo de organização proporcionando ao seu povo a oportunidade de assistir aos ensaios técnicos de suas escolas de samba.

Ainda bem que o povo do Rio tem os desfiles das escolas de samba da Intendente Magalhães onde o samba autêntico com um desfile que não tem luxo, mais originalidade, parece o carnaval dos anos 60.

Durante três noites as escolas de samba dos grupos B, C e D, brilham com as arquibancadas lotadas, onde a mídia não chega, lá não tem carrões de alegorias e nem luxo, mas a alegria compensa tudo.

Onesio Meirelles



FESTIVAL COMIDA DI PÉ SUJO

“Não sei, só sei que foi assim...”

O papo começou a ser construído no dia 23 de abril do ano corrente, isso mesmo, no dia em que o Rio de Janeiro está sempre fervilhando, dia do Santo Guerreiro, dia de São Pixinguinha e dia nacional do Choro...

É tanta coisa num dia só, que inspiração é o que não falta! E nessa ocasião não foi pra menos. Depois do tradicional “Trem do Choro”, a convite do pessoal do Choro Suburbano, um grupo de amigos dirigiu-se para a antiga residência em que morou o célebre homenageado, o genial Alfredo da Rocha Vianna Filho, o nosso Pixinguinha, para uma bela roda de Choro.

Localizada em Ramos, segundo o próprio flautista fazia questão de ressaltar, a residência situada na hoje denominada “Travessa Pixinguinha”, abriga ainda diversos objetos da época em que o chorão ainda estava por aqui.

Já devidamente acomodados e alimentados, entre um biricótico e outro, papo vai, papo vem, Danilo Firmino e Marco Trindade conversavam sobre o momento crítico pelo qual passa a nossa cidade, a tristeza que se abateu sobre o Rio de

Janeiro, parecendo ter contaminado a todos, inclusive a moçada que atua na área da cultura...





Cambalacho's Bar - Honório Gurgel/RJ

De repente, em tom de brincadeira, Danilo sugere a Marco, que “seria bom se houvesse um Woodstock do Samba, pra chacoalhar essa cidade”. Os dois riram pra cacete e a roda de Choro prosseguiu animadamente.

Passado algum tempo, já naquela atmosfera do lançamento da Revista Sarau Subúrbio, Marco Trindade, ainda com a brincadeira em mente, sugere a Danilo a realização do evento, que mais tarde viria a se chamar “Comida di Pé Sujo”.



A ideia nasceu a partir de uma sátira com um famoso festival que acontece no Brasil inteiro, que de “comida di buteco” não tem mais nada.

Ao receber a proposta, Danilo ficou animado, tendo de cara, apresentado diversos nomes que poderiam intitular o festival. Imediatamente foi criado um grupo no zap-zap, onde foi adicionado aquele que seria mais um dos organizadores: Marcelo Bizar.



Depois de tudo acertado, com o nome já batizado, boteco escolhido, aliás um pé sujo de respeito em Honório Gurgel, o Cambalacho's Bar do camarada Jaílson, Marcelo Bizar inspirou-se e mandou brasa, criando a arte da nossa brincadeira.



Depois de tudo acertado, com o nome já batizado, boteco escolhido, aliás um pé sujo de respeito em Honório Gurgel, o Cambalacho's Bar do camarada Jaílson, Marcelo Bizar com seu cavaquinho inspirou-se e agitou a todos, que cantaram diversos sambas. Teve até uma improvisação de calango bastante animada. Os escritores da Revista Sarau Subúrbio presentes

fizeram seus improvisos e a brincadeira parecia que não tinha hora pra terminar de tão empolgante. Verdade que muitos à certa altura já estavam enrolando bastante suas línguas.

O festival contou com a presença de vários amigos ligados à arte e cultura de nossa cidade. Na ocasião foi lançada simbolicamente a Revista Sarau Subúrbio e alguns escritores da Revista Sarau Subúrbio estiveram presentes participando do evento, com muita cervagem gelada, comida gostosa, papo maneiro, fazendo novas parcerias.

Os livros e CDs não poderiam ter ficado de fora com tantos artistas reunidos. Assim, teve também exposição de livros e discos. O coletivo Subúrbio em Transe esteve presente também, registrando através de suas lentes o festival, fazendo entrevistas e filmagens diversas, na pessoa do cineasta e amigo Luiz Cláudio. O Jornal Capital Cultural também esteve presente registrando o evento, tendo saído uma matéria especial sobre o festival com o título bastante sugestivo: "Fala subúrbio: Moradores do subúrbio se reinventam e criam o "Comida de Pé Sujo".





Certamente foi um dia pra ficar na História do subúrbio carioca. O festival, além dos famosos acepipes de pé sujo contou com o envolvimento, confraternização de todos os envolvidos. Assim, no dia 30/06/2018, numa tarde perfeita pra beber umas geladas, comer uns tira-gostos, cantar sambas e jogar bastante conversa fora, e numa noite de muita inspiração na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, aconteceu o festival COMIDA DI PÉ SUJO, o primeiro certamente, pois

esperamos que muitos outros festivais como esse permaneçam no nosso subúrbio, como faróis acesos da verdadeira alma carioca.





NA DANÇA DO TEMPO...

Entrei na casa dos sessenta
grato ao que a existência me ensinou
e ainda acrescenta.
Ciente do que estou e do que não sou,
sigo dando tratos à bola.
Óbvio, com mais perícia do que quando jovem.
Fui aluno de uma excelente escola!
Mestres que depuraram as virtudes que me movem
que, com o correr do tempo, fui aperfeiçoando
e às suas práticas me afeiçoando.
Hoje, ergo-me com certa dificuldade
e, em obediência ao juízo e a astúcia,
caminho com uma comedida agilidade.
Também já não sou tão assediado pela volúpia,
mas não ignoro os seus apelos.
Nas ocasiões em que o desejo se faz premente,
realizo-me, ou tento, sem sofreguidão e atropelos
pois sou, agora, mais experiente e menos potente.
Sinto a pressão do fardo da idade sobre os ombros.
Percebo no tempo um riso dissimulado
e, sem a menor surpresa e algum assombro,
não me sinto nem um pouco encabulado
a cada hesitação na execução das lidas
que do vigor exigem um maior empenho.
Não encaro tais fatos como uma atitude descabida,
porém a um preceito me atenho:
isto é, do tempo, um sentimento de desforra!...
Antes, em deslavadas imprudências,
vivia a debochar, solertemente, da sua inclemência.
Quando jovem: índole ousada e em plena forma,
fiz da existência regras sem exceções.
Segui, exclusivamente, às minhas normas,
orientado apenas por minhas ambições,
ignorando e andando para causas futuras.
O porvir sempre foi encarado sem os efeitos
das consequências que ora me assolam com agruras,
porém, da existência, não me fazem insatisfeito.
Os anos que ficaram na retaguarda



transformaram-se numa função ambígua
que a minha memória resguarda
e exhibe em flash de lembranças exíguas,
armazenadas num domínio de imagens paradoxais,
que me lembram, a toda hora, de que não sou mais
o que pensei que fosse em prisca era
a viver sob o embalo de quimeras.
Agora, uma insistente ausência de ânimo
tornou-me quase escravo do desânimo
e, na sua competente empreitada,
revelou-se uma funcionária padrão:
não falta, nunca chega atrasada
e, disposta, está sempre de plantão.
O viço que me animava quando noviço,
que parecia moldado em puro aço,
aposentou-se por tempo de serviço,
vestiu o pijama do cansaço
e acumulou grossa crosta ferruginosa.
Mas a vivência acresceu-me bagagem
e, até certo ponto, uma mente imaginosa,
que, estimulada pelo espírito da coragem,
leva-me a enfrentar o que me faz medo.
Compreendi que o fracasso é só um engodo,
assombros que teimam em me fazer quedo
e, sorratamente, arrastar-me para o lodo.
Suas garras confundem as pegadas de feitos
cujos desfechos não me levaram ao almejado,
mas durante a trajetória cresceram pistas de preceitos.
Marcas que me deixaram mais calejado.
Então, se falho numa determinada empreitada,
não cedo jamais ao desalento.
Na direção do leme dou uma forte guinada,
posiciono as velas para novos ventos
e singro no rumo de outras referências.
Assim, quando chega o ansiado momento,
desembarco com o passo firme na sua cadência.
Tudo tem o seu tempo e à sua hora,
pois o que é nosso, um dia, a gente encontra.
São palavras que repito como um mantra,
desta maneira, não mais me impaciente com a demora.
Estou ciente de que conselho é mato
que brota no terreno da perspectiva,
mas já atentou para todos estes fatos?
Se não, faça da sua viagem uma retrospectiva!



SUB & URBE

O prefixo “sub” nos traz a ideia de inferioridade, e a palavra “urbe” nos direciona ao significado de tudo aquilo relacionado a urbano. Tudo bem? Mais ou menos. Quando as partes se unem, vem à luz o todo: subúrbio. O dicionário da Academia Brasileira de Letras, organizado por Evanildo C. Bechara, revela que se trata de bairros afastados do centro da cidade. Fato é que isso não é nada surpreendente, porém nos leva a algumas reflexões.

Para um autêntico suburbano, pouco o incomoda a questão de morar longe do centro da cidade. Os bondes acabaram; o trem, não. E a pena? Muito menos. O poeta imaginativo aproxima as pontas com sua arte astuta e perspicaz. Atente-se a estes versos de Chico Buarque:

**“Lá não tem brisa
 Não tem verde-azuis
 Não tem frescura nem atrevimento
 Lá não figura no mapa
 No avesso da montanha, é labirinto.”**

Diante do amontoado de casas e da desorganização lírica de suas vielas, o subúrbio se abre aos olhos do poeta e, com toda a propriedade, nos esclarece que tudo isso, embora caótico, é lindo. Salve os vocativos e as prosopoeias dos versos a seguir:

**“Fala, Penha!
 Fala, Irajá!
 Fala, Olaria!
 Fala, Acari, Vigário Geral!
 Fala, Piedade!”**



É oportuno destacar nos versos acima que o poeta pretende se acercar de bairros que compõem o subúrbio através de chamamentos. Essa aproximação se concretiza porque o artista busca homenageá-los, e esse empreendimento é livre para ele na medida em que há liberdade poética. O vate não é preso ao mundo particular e geográfico em que vive. Muito pelo contrário. Vê-se, por exemplo, o poeta modernista português Fernando Pessoa, que tem o Rio Tejo com seu quintal, e o usa inúmeras vezes em seus poemas embora o Tejo nasça na Espanha e corte apenas Portugal. A nascente do curso de água não é obstáculo ao trovador que faz referência a ele de modelo singelo e fraternal: “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia”, escreveu Alberto Caeiro, heterônimo pessoano. O que se quer deixar claro, neste texto, é que o visionário tem total autonomia para discutir diversos temas e assuntos ainda que estejam distantes de nossas aldeias e subúrbios.

Observação: Para a próxima edição, continuaremos a conversar sobre a letra Subúrbio, música de Chico Buarque.

Leonardo Bruno



MICROCONTO: QUANTO MENOS PALAVRAS, MAIS SIGNIFICADOS

Podemos contar uma história em poucas linhas? É provável que não. E isso não é problema nenhum para o microconto. Porque a ideia desse gênero é menos contar e mais sugerir uma história.

"Uma vida inteira pela frente. O tiro veio por trás." (Cintia Moscovich)

Em tempos de redes sociais, onde quase tudo que lemos está fragmentado, o microconto ganha ainda mais força. Dialoga com quem busca economia de tempo: leitura pouca que reverbera horas. Concisão que transborda.

"Eu ainda faço café pra dois." (Zac Nelson)

Fundamentais ao microconto são o lirismo, a poesia, as metáforas e os jogos de palavras. O microcontista é um verdadeiro artesão das ações.

"Uma gaiola saiu à procura de um pássaro." (Franz Kafka)

Para escrever um microconto, recomenda-se encontrar o coração da história. O cerne do conflito. Ir direto ao problema, revelar o busilis.

"O suicida era tão meticuloso que teve que refazer diversas vezes o nó para se enforcar". (Carlos Seabra)

Por fim, mesmo quem não leva o gênero a sério (por exemplo: a academia), o microconto pode também servir como um exercício de escrita criativa. Ao longo dos anos, escrevi centenas deles. Gostaria de compartilhar alguns:

O filho ladrão roubou a paz de sua mãe, mas nunca conseguiu usufruir dela.

Noutro árduo dia de obra com as costas sob o sol, o ajudante de pedreiro se perguntou como seria se tivesse as costas quentes.

Olhou tantas vezes para os dois lados que nunca conseguiu atravessar a rua.

Para quem deseja conhecer mais a fundo o gênero, vale a leitura de Os cem menores contos brasileiros do século, organizado por Marcelino Freire.

Jonatan Magella



CONTO DE VIGÁRIO

Veio o recado, gelei geral. O moleque mandou a letra e sumiu.
Os caras da parada querem me detonar, tocaia grande.
Não dá pra vacilar, logo bolei a saída.
Vestido preto da vovó vira batina, descolo um bigode, um chapéu.
Difícil foi colar a bíblia usada, nova cara, pouca coragem.
Oito horas, sol fervendo na colina e na cabeça, perna bamba.
Agora é tudo ou nada, putz, não é que já me pediram a benção?
A vista escurece quando escuto bem perto, “ei, seu padre”.
Mas é só um garoto querendo contar seus dramas.
Seguro o braço dele, vou puxando pra baixo, olhando de esguelha.
Acelero o papo, qualquer coisa pulo o barranco.
Tô no asfalto, o ônibus é esse, tchau e benção.
Quando salto é que vem a tremedeira, entro no mato, jogo tudo fora.
Agora é começar de novo.

Orlando Olieira - jornalista



CIDADE ALEGRIA



Num subúrbio da central,
onde o homem vai à luta
Não se perde em qualquer trilha
Nem se esquece da família
A Bizuca sua filha
que no Tropical ficou
Num subúrbio da central
onde a noite não é crua
Mesmo sendo isenta à lua
Lá, a vida continua
Onde o povo sai à rua
ter um ar tão tropical
Ao raiar de um dia sóbrio
chega ele em seu lugar
Pelas ruas o batente
Ja rolou pelas cidades
Investiu em mocidades
Vê agora outras idades
E pelas fretas deste porta
o seu corpo a relaxar.

Miúdo Sil



A BIOGRAFIA DE OSMAR CORPU FEXADU

Quando vivia em Cascadura, 2 tiros lhe feriram as costas enquanto corria da polícia, tinha acabado de assaltar uma loja de doces. As marcas dos raspões se fizeram cicatrizes no formato de cruz, do lado esquerdo do rosto.

De passagem por Matinhos, 3 facadas desferidas por Josefa, sua primeira esposa, endiabrada quando ele bebeu todo o salário no bar perto da praia onde vendia maconha. Os cortes marcaram o tórax e o braço esquerdo.

Quando foi visitar sua mãe em Juína, não esperava por isso, mas 5 camaradas lhe cercaram num beco e ele escapou sangrando muito, ficou mancando alguns anos mas voltou ao seu futebol tão logo ficou bom.

Mandinga ruim, foi o que disseram, quando depois de 7 minutos o sapo que haviam costurado a boca com seu nome dentro durou vivo. Até o padre de Serra Negra se benzeu e ficou com demo.

O sapo se engasgou com o papel. No mesmo, seu nome... ou melhor sua alcunha: Osmar Corpu Fexadu.

Foram 11 as malárias que pegou quando fugiu para o Acre corrido de um coronel que recebeu alguns chifres de presente. Teve muita febre e delírios. Foi muita dor e gemidos insistentes. Um índio salvou sua vida aplicando-lhe num corte feito com farpa de árvore, o veneno de uma aranha amazônica.

Mas Osmar Corpu Fexadu se apaixonou na Bahia.

Teve filhos com Maria e se casou na igreja com a linda moça de origem haitiana.

Como era de se esperar acabou entrando pra malandragem baiana. Uns golpes aqui, outros ali. Umas coca da boa, umas ervas-finas, bebida e tudo o mais. Não se furtou aos encantos de umas mariposas de Salvador.

Então, recebeu o 13, que é o nome do feitiço que lhe rogou a segunda mulher, a que conheceu na Bahia, a que amou de verdade, com quem teve 17 filhos.

Morreu no dia 19 às 23:29 horas, horário de Brasília.

Marcelo Bizar



BLOG DO TIZIU



ÁGUA EM MARTE

"A água em Marte é vermelha!" Kizompilus Yutp Verdunkt (Mago ocultista e exotérico da Idade Moderna. Alguns dizem que foi amigo do Leonardo Da Vinci... não confirmado.)

O mês de julho foi de muita correria. Quase não consigo preparar minha página e sair na edição mensal da Revista Sarau Subúrbio. Foi tanta novidade e velharia ao mesmo tempo que fiquei meio descompassado. As informações gravitavam em torno do meu eixo central e não davam liga nenhuma.

O espaço-tempo parecia fundir-se em pequeníssimas viagens atemporais e quase infartei de vez. Cantei foi muito pra espantar certas novidades ultrapassadas. Mas estou falando do mundo da espécie humana. Água é fundamental pra vida?

Alguns diriam acertadamente que sim, outros diriam tão acertadamente tanto que não. Em 2016 tivemos a notícia de que cientistas haviam descoberto bactérias extremófilas.

O nome me parece adequado pois são microorganismos que vivem quase sem oxigênio, em ambientes de baixíssima temperatura e que não consomem nenhum tipo de alimento orgânico.

Um piado especial pra quem descobrir qual o planeta que possui condições similares às que vivem as nossas queridas extrmófilas! Pois é, bem simples não, o planetinha é Marte. Melhor dizendo: o subsolo de Marte.

Claro, logo eles começaram a falar: "Viu, pode ter vida em Marte!". Nosso querido planeta vermelho já era cotado pra ter vida há alguns anos atrás então. Agora, com a descoberta de água líquida é que temos... bem, ainda... quase certeza de que há vida em Marte.

FRASES DO TIZIU

Descaradamente imitando meu amigo MI LIBRO, também farei minhas frases de efeito. Vamos à primeira:

*"Tenho asas para voar,
mas preciso dos meus
pés para construir meu
ninho." Tiziu*



Sarau



Subúrbio

Convidamos a todos os leitores para comparecerem ao primeiro sarau da Revista Sarau Subúrbio. Será dia 18 de agosto de 2018. Na Livraria Belle Époque Discos e Livros, logo ali... vem com a gente: Rua Soares, 50 - Méier, RJ, tel.: 97625-7600



BELLE ÉPOQUE
DISCOS E LIVROS

I SARAU DA
REVISTA
SARAU SUBÚRBIO



No sarau teremos os lançamentos dos livros



VIDAS IRRISÓRIAS
Jonatan Magella



ESTE NOSSO SENHOR, O TEMPO
Kaju Filho



MI LIBRO
Marcelo Bizar

Dia 18 de agosto, a partir das 15:00h na Livraria Belle Époque

Rua Soares, 50 - Méier - Rio de Janeiro - m.me/bellepoquediscoselivros - (21) 97625-7600

Rádio Viva o Samba

...o espaço do Samba e do Choro na internet





- **Informação sobre os links da revista**



Verificamos que alguns aparelhos celulares não estão conseguindo abrir os arquivos de áudio que se encontram nas páginas da revista, assim, inserimos esta página para que possam abrir tais arquivos nos aparelhos enquanto nossa equipe técnica estuda o motivo do ocorrido para correção nas próximas edições. Agradecemos.

- Depoimento de Júnior da Prata no FOI UM SAMBA QUE PASSOU EM MINHA VIDA:

<https://soundcloud.com/sarau-suburbio/depoimento-junior-da-prata>

- INTRODUIZ PICTOPOEMA VÍDEOSOM do escritor Pazuzu Silva no texto TEMPOSIÇÃO DAS ALMAS ÍNCUBAS - 2º PRETEXTO:

<https://youtu.be/qH1N1bfHvhA>

- TAMBOR do texto de Silvio Silva (música de Marcelo Bizar e Silvio Silva):

Vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=OfMBqknEniE>